

## SALA DE AULA INVERTIDA - DESAFIOS E FORMAÇÃO DOCENTE

*Flipped Classroom - challenges and teacher training*

Elaeny Glaucia Rodrigues\*

\*Licenciatura Plena em Pedagogia. Secretaria de Estado da Educação de Goiás - Colégio Estadual Zico Monteiro.  
E-mail: elaenyglauca@gmail.com. ORCID: 0009-0003-8974-9922.

### Revista Educação em Contexto

Secretaria de Estado da Educação

de Goiás - SEDUC-GO

ISSN 2764-8982

Periodicidade: Semestral.

v. 2 n. 2, 2023.

educacaoemcontexto@seduc.go.gov.br

Recebido em: 21/07/2023

Aprovado em: 26/10/2023

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10201601>

### Resumo

O estudo e a aplicabilidade das metodologias ativas dentro dos espaços escolares torna-se uma emergência em um cenário onde os propósitos relacionados ao resgate do interesse estudantil, cada vez mais é vista como uma necessidade. O presente artigo visa discutir diferentes metodologias ativas, especificamente a Sala de Aula Invertida, bem como compreender os desafios para seu implemento. O objetivo geral é analisar as diferentes metodologias, bem como selecionar a que mais demonstra efetividade em turmas de Ensino Médio. Os objetivos específicos são caracterizar a metodologia ativa da Sala de aula Invertida; compreender os desafios impostos frente a esta metodologia; estabelecer o perfil de docente capaz de empregá-la. O trabalho versou-se na metodologia de pesquisa bibliográfica, foi dividido em tópicos, encerrada com as considerações finais e a apresentação no último tópico de uma experiência prática da metodologia de Sala de Aula Invertida. Ao longo do trabalho verificou-se que a problemática, assim como os objetivos geral e específicos foram alcançados sem, contudo, ser possível esgotar-se os estudos sobre a mesma, dada sua complexidade, além disso pode-se mensurar nas considerações finais que a metodologia da Sala de Aula Invertida mostrou-se uma ferramenta eficaz motivacional e de alcance dos alunos com maior índice de desinteresse escolar.

**Palavras - chave:** Motivação. Experiência. Metodologias ativas. Ferramenta. Sala de aula invertida.

### Abstract

The study and applicability of active methodologies within school spaces becomes an emergency in a scenario where the purposes related to the rescue of student interest are increasingly seen as a necessity. This article aims to discuss different active methodologies, specifically the Flipped Classroom, as well as to understand the challenges for its implementation. The general objective is to analyze the different methodologies, as well as to select the one that most demonstrates effectiveness in high school classes. The specific objectives are to characterize the active methodology of the Flipped Classroom; understand the challenges posed by this methodology; to establish the profile of a teacher capable of employing it. The work was based on the methodology of bibliographic research, was divided into topics, ended with the final considerations and the presentation in the last topic of a practical experience of the Flipped Classroom methodology. Throughout the work, it was found that the problem, as well as the general and specific objectives were achieved without, however, being possible to exhaust the studies on it, given its complexity, in addition it can be measured in the final considerations that the flipped classroom methodology proved to be an effective motivational tool and to reach students with a higher rate of school disinterest.

**Keywords:** Motivation. Experience. Active methodologies. Tool. Flipped classroom.

## INTRODUÇÃO

Diante de cenários tão desafiadores no ambiente educacional, a proposição de um estudo sobre as Metodologias Ativas torna-se preponderante como um forte aliado para consolidar práticas mais efetivas de ensino-aprendizagem. As Metodologias Ativas têm transformado a prática de sala de aula, por meio da observação desta prática é possível perceber que aos poucos sua utilização fomentam o diálogo, a reflexão e a criticidade, promovem o desenvolvimento de competências e permitem que o educando adentre o mundo tecnológico permeado por informação e comunicação.

Posta a realidade circundante de utilização das Metodologias Ativas surge uma questão problematizadora: Como implementar a Metodologia Ativa da Sala de Aula Invertida em turmas de Ensino Médio e assim dirimir o desafio docente na mudança de sua prática educativa?

Objetivando responder a esse questionamento foi estabelecido o objetivo geral de analisar a importância de trabalhar com diferentes Metodologias Ativas, na disciplina de Literatura. Diante de uma realidade sem muitos recursos, optou-se pela Sala de Aula Invertida. Como Objetivos Específicos salientou-se: caracterizar a Metodologia Ativa da Sala de Aula Invertida; compreender os desafios impostos frente a esta metodologia; estabelecer o perfil adequado de docente e apresentar um modelo prático de sala invertida em turmas de Ensino Médio.

O presente estudo teve como metodologia a pesquisa bibliográfica, valendo-se do ambiente de pesquisa acadêmica *Google Acadêmico*. O estudo foi dividido em tópicos, nos quais cada objetivo específico foi trabalhado e no último tópico foi descrito um modelo prático e real de trabalho com a Sala de Aula Invertida. As palavras-chave utilizadas para o campo de pesquisa bibliográfica foram “Metodologias”, “Meto-

dologias Ativas” e “Sala de Aula Invertida”. A parte inicial do trabalho foi feita baseada em alguns autores clássicos como Dewey, Paulo Freire, Lourenço Filho, Delors e Perrenoud. Em seguida, foram considerados os estudos encontrados na busca pelas palavras-chave mencionadas acima, considerando o recorte temporal entre os anos de 1990 a 2023. Do total de estudos encontrados 17 autores foram selecionados por fazerem uma abordagem mais próxima da prática de sala de aula das escolas públicas relatadas neste estudo e por evidenciarem um conhecimento mais aprofundado sobre o tema. Assim, os estudos considerados nesta pesquisa foram: Balaban et al. (2016), Dewey (1958) e (1979), Bagno (2009), Berbel (2011), Demo (2004), Gadotti (2005), Woods (1994), Schneider et al. (2013), Bergmann e Sams (2012), Lourenço Filho (1930), Mota e Rosa (2018), Saviani (2010) e (1993), Freire (1987), Moran (2013), Pragman (2014), Delors (2003) e Perrenoud (2000).

## Contextualização das metodologias ativas

Durante muito tempo o foco de boa parte dos sistemas de ensino foram os métodos tradicionais de educação onde o professor exercia o poder máximo sem nenhum tipo de protagonismo do educando. A partir do século 18 com as revoluções liberais da Europa, Independência dos Estados Unidos e as revoluções industriais que se seguiram o processo de aprendizagem sofreu uma mudança muito importante. As filosofias da Nova Escola e progressista surgiam com intuito de aproveitar aquilo que o aluno possuía enquanto indivíduo, logo a escola deveria deixar de ser reprodutora de conhecimento e passar a ser formadora cidadã (SAVIANI, 1993).

A Escola Nova chegou ao Brasil em 1882, por meio de Rui Barbosa, naquele momento o Brasil

crescia muito industrialmente e urbanamente, as ideias vigentes para a sociedade era de progresso e melhoria da sociedade humana, os intelectuais brasileiros sentiam a necessidade de preparar melhor o país, intelectualmente falando, para enfrentar tais mudanças. Neste contexto é que a escola começa a produzir conhecimento e não apenas reprodução (LOURENÇO FILHO, 1930).

Aliado a tudo isso John Dewey surge no cenário educacional com ideias revolucionárias de formação de competências e o fim da submissão a memorização de conteúdo. Segundo Dewey (1979, p.43), “aprender é próprio do aluno: só ele aprende, e por si; portanto, a iniciativa lhe cabe. O professor é um guia, um diretor; pilota a embarcação, mas a energia propulsora deve partir dos que aprendem”.

No século XX a educação passou por diversos pensadores que começaram a discutir modelos de ensino em que o aluno se tornasse mais autônomo e sujeito da sua própria aprendizagem dentre eles surgiram Piaget, Vygotsky, Frenet, Ausubel, Montessori e sobre isso Gadotti (2005) afirma que o aluno diante de um problema precisa observar as dificuldades de forma a encontrar as possibilidades deste, buscar alternativa para solucioná-lo, promover diversas formas de realizar a solução do mesmo problema e uma verificação de forma científica sobre a solução do mesmo.

O fundamento das Metodologias Ativas baseia-se no protagonismo central do aluno, o professor age como mediador e facilitador do processo de ensino aprendizagem, o livro e professor são apenas meios, perdem seu poder de detenção do conhecimento. Com o início na década de 1980, as Metodologias Ativas surgiram com o intuito de permitir ao aluno o desenvolvimento de habilidades que lhe tornasse mais ativo deixando o papel de apenas ouvinte

de lado para tornar-se protagonista do processo (MOTA; ROSA, 2018).

Desde então a utilização de Metodologias Ativas em sala de aula já pressupunham a capacidade de autoaprendizagem e a defesa de que aluno e professor deveriam repensar seus papéis. Neste sentido o aluno começou a ser constantemente encorajado a buscar soluções para os problemas, sua antiga posição de espectador foi deixada de lado e agora aspectos como iniciativa, criticidade, autoavaliação, cooperação, responsabilidade e criatividade são instigados a todo momento. Assim o aluno sai do papel de comodismo e precisa realizar atividades mentais mais complexas de sintetização, análise e avaliação, desta forma como Woods (1994) destaca, o aluno precisa explorar o problema, levantar hipóteses, buscar soluções, perceber-se incapaz de resolver sozinho e assim buscar conhecimento de preferência em equipe estabelecendo meta, buscando recursos, aplicando conhecimentos, reavaliando o processo e compartilhando resultados.

As metodologias ativas têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor, desta forma o aluno se sobressai. (BERBEL, 2011, p.28)

As Metodologias Ativas são usadas nas salas de aula hoje como uma técnica pedagógica, que se utiliza de atividades instrucionais e de engajamento que promovem como objetivo maior a participação e o protagonismo do educando e o desenvolvimento de habilidades, sobretudo de relação interpessoal. O termo surgiu em 1991, por meio do lançamento do livro *Active Learning: Creating Excitement in the Classroom*, escrito pelos professores Charles Bonwell e James Ei-

son. Seguindo outras diferentes linhas de pensamento de forma sintética foram elaboradas 13 metodologias que promoviam maior interação do educando com o conhecimento possível: gamificação, sala invertida, *designer thinking*, cultura *maker*, projetos, seminários, rotação por estações, resolução de problemas, estudo de casos, aprendizagem por pares, ensino híbrido, *storytelling*, pesquisas de campo.

A gamificação envolve um prazer natural dos jovens, desafios e jogos; *Design thinking* desenvolve nos educandos a prática de solucionar de forma criativa alguns problemas dados; a Cultura *maker*, baseado no faça você mesmo, leva os alunos a criar recursos para a solução de questões; a aprendizagem baseada em problemas permite os alunos vislumbrar situações difíceis e pensar de forma uníssona e prática soluções para os mesmos; o estudo de caso trabalha com situações reais de modo a desenvolver o pensamento analítico e comparativo; a aprendizagem por projetos visa a identificação do problema e a elaboração de mecanismos por etapas para a solução do mesmo; a sala de aula invertida visa delegar funções de estudo prévio do conteúdo e busca individualizada de informação, sendo complementada e sistematizada pelo professor; seminários visam propor discussões reais e colocar o aluno para verbalizar; pesquisas de campo propicia o engajamento dos alunos por possibilitar a visita in locu, assim o aluno tem uma visão do todo; *storytelling* trata-se da contextualização de conteúdos por meio de narrativas; a aprendizagem entre pares possibilita a formação de agrupamentos produtivos e auxilia o trabalho em grupo e a evolução de alunos com baixa índice de desenvolvimento; ensino híbrido parte do princípio da mistura entre presencial e a distância, delega responsabilidades aos alunos e rotação por estações que permite realizar diversas atividades sobre um mesmo tema, com perspectivas e objetivos diferentes a serem alcançados.

Todas com qualidades muito semelhantes, objetivam preparar o jovem para tornar-se um adulto mais independente e capaz de gerir seus próprios estudos, conforme sua necessidade, além de auxiliá-lo na utilização de ferramentas tecnológicas de maneira mais criteriosa, útil e sadia. Uma das questões essenciais na utilização das metodologias ativas sempre foi a escolha daquela que melhor se adapta à realidade da turma, da escola e da disciplina. Para uma cidade do interior de Goiás em uma escola de Ensino Médio, sem muitos recursos, especialmente tecnológicos a Sala de Aula Invertida, demonstrou ser a metodologia ativa de maior interesse dos alunos e melhor aplicabilidade aos professores, diante da dificuldade inicial de se propor uma grande mudança no processo mecanicista e tradicional de aula expositiva em que os professores estavam habituados.

### **Sala de Aula Invertida – Características**

Como explicado anteriormente, a Metodologia Ativa escolhida para ser analisada e fazer uma experiência prática foi a Sala de Aula Invertida. Segundo Schneider et al. (2013) inicialmente a Sala de Aula Invertida foi desenvolvida em um única escola de jovens de Ensino Médio nos Estados Unidos, naquele momento os professores tinham que repensar alguma ação para alcançar os alunos que passavam muito tempo jogando em competições e longe da sala de aula, como forma de dirimir esses momentos era necessário pensar uma prática bem sucedida fora do ambiente escolar, assim a lógica da sala de aula foi invertida, os professores Jonathan Bergmann e Aaron Sams gravavam as aulas e enviavam aos alunos e quando estes voltavam não assistiam mais a exposição do conteúdo, antes porém, apenas discutiam problemas reais e buscavam a solução prática, uma vez que já conheciam o conteúdo teórico previamente.

A partir dessa experiência real percebeu-se que a combinação de diferentes aprendizagens, com o aluno chegando na escola já com o conteúdo que seria abordado, permitia ao professor mais tempo para a execução de tarefas mais práticas, otimizando seu trabalho e gerando participação de todos.

Como em diversas situações nem tudo sai exatamente como desejado, a Sala de Aula Invertida como qualquer outra metodologia apresenta vantagens e desvantagens. As vantagens ligam-se a geração de independência do educando que agora passa a ter maior controle da própria aprendizagem, melhoria na integração com os demais membros da sala de aula, promoção de aprendizagem por meio de trocas, as faltas tornam-se um problema menor, conteúdos mais próximos do educando e a melhor das vantagens, o desenvolvimento de iniciativa e responsabilidade pela aquisição do conhecimento, desta forma a responsabilidade de aprender é do aluno também e não só do educador. Bergman e Sams (2012) já defendiam várias vantagens da Sala de Aula Invertida:

A inversão fala a linguagem dos estudantes de hoje (conectados, usuários de diversos recursos digitais); ajuda os alunos ocupados (aqueles que faltam às aulas, que moram longe, que estão sobrecarregados); ajuda os que têm dificuldade de aprendizado (eles podem pausar e voltar o vídeo com a explicação, o que não é possível em uma aula tradicional, e ganham mais atenção do professor durante as tarefas em sala); aumenta a interação do professor com os alunos, que passa a circular na sala interagindo com eles durante as atividades; muda o gerenciamento da sala de aula, acabando com problemas com alunos que atrapalham os colegas; permite que os pais participem mais e aprendam junto com seus filhos em casa; e induz ao que os autores chamam de 'programa reverso de aprendizagem para o domínio', no qual os alunos progridem dentro do seu próprio ritmo, caminho que os autores optaram

por seguir e desenvolveram ao longo de anos. (BERGMAN; SAMS, 2012, p. 17)

Como desvantagens percebe-se a dificuldade de levar o educando mais inseguro a desenvolver a confiança e a independência, o exagero na utilização da tecnologia, e segundo Balaban et al. (2016) haverá uma sobrecarga de trabalho ao professor no planejamento das aulas, dado o fato de que necessita maior preparação, desconhecimento da prática que leva a um risco de não desenvolver de forma plena o trabalho, além do excesso de telas na vida do educando.

Provavelmente o maior argumento em defesa da Sala de Aula Invertida é o perfil do jovem do século XXI, que possui inúmeras ferramentas e capacidades de buscar o conhecimento, cabendo ao educador gerir essa busca de forma a inovar o espaço da sala de aula uma vez que como disse Bergmann e Sams (2012), o tradicional passa a ser feito em casa e na sala de aula o tempo é investido em produção de conhecimento baseado naquilo que já se estudou.

### **Desafios da Sala de Aula Invertida**

O implemento da Sala de Aula Invertida é um grande desafio da escola atual, principalmente porque esta Metodologia Ativa permite que o aprendizado comece antes mesmo do aluno entrar na sala de aula. A responsabilidade do professor torna-se extremamente grande, dada ao fato de que a metodologia parte de um ensino híbrido, onde a aprendizagem virtual se consolida com a aula física. Assim Pragman (2014) salienta que o trabalho do professor aumenta, pois a ele cabe comunicar o objetivo da aula, criar um plano de estudos, instrumentalizar e inquirir os alunos para avaliar a aula.

São muitos os desafios talvez o maior deles seja a capacidade que o professor deve ter de selecionar materiais, cuja base seja sólida em termos de conhe-



cimento e permita ao aluno, mesmo em casa sozinho, refletir sobre o material dado. Algumas mídias digitais necessárias devem ser produzidas e gerenciadas pelo educador como: vídeos explicativos, blogs, e-books, podcasts entre outros.

Outro importante desafio para o professor também é a questão curricular, segundo Saviani (2010) o currículo precisa gerar participação e criticidade e para tanto o professor precisa ter a capacidade de selecionar conteúdo, método de ensino, material didático e tempo de forma a organizar o processo de aprendizagem, dito isso Saviani (2010) deixa claro que o professor precisa selecionar conteúdos relevantes, a fim de não perder o foco no aluno.

A resistência docente ainda é uma questão muito abordada no emprego da Metodologia Ativa da Sala de Aula Invertida, muitos professores por medo da mudança ou pela falta da prática, dificultam a implementação desta metodologia. Bagno (2009), já discorria sobre a mudança do papel do professor em sala de aula, não como mero transmissor, mas como pesquisador de situações em que o professor ensine os alunos a aprenderem, pois, boa parte dos professores absorveram visões de mundo e concepções políticas e didáticas difíceis de serem modificadas. Falta muito para uma grande parcela de educadores repensar suas práticas e compreender novos paradigmas de educação que refletem as mudanças do mundo.

Outra importante dificuldade no implemento das Metodologias Ativas sobretudo da Sala de Aula Invertida é o que Freire já dizia em 2010, com relação ao professor sentir-se inseguro quando leva o aluno ao exercício da autonomia de forma a sentir-se menos valorizado, dessa forma ele atrelou o aluno a si mesmo, sem produzir aquilo que a educação precisa promover, um aluno investigador que interage com o próprio conhecimento diante de um professor pesquisador que repensa a própria prática em direção a uma ação educativa. Segundo ele também:

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada. (FREIRE, 1987, p. 40)

A falta de uma formação continuada e eficaz sobre as novas formas de aprender e de ensinar se faz necessário. Muito do que os professores entendem como promoção de saber, ainda está muito atrelado a conhecimentos tradicionalistas, o professor ainda tem dificuldade em saber como promover sujeitos reflexivos, críticos ou questionadores.

Não é possível pensar que apenas a formação em um curso superior seja capaz de promover uma educação docente completa, eficaz e conclusiva a respeito de novas práticas educativas, assim como a participação em cursos eventuais não capacita o educando nem a instituição escolar para as mudanças que se fazem necessárias. A gestão precisa se articular, a comunidade como um todo precisa estar preparada para a forma como se ensina, a fragmentação e descontextualização da educação com o mundo circundante faz a sociedade questionar as Metodologias Ativas e valorizar-se as metodologias pouco problematizadoras. Segundo Moran

As instituições educacionais atentas às mudanças escolhem, fundamentalmente, dois caminhos: um mais suave- alterações progressivas-e outro mais amplo, com mudanças profundas. No caminho mais suave, elas mantêm o modelo curricular predominantemente disciplinar, mas priorizam o envolvimento maior do aluno, com metodologias ativas, como o ensino por projetos de forma mais

interdisciplinar, o ensino híbrido ou *blended* e sala de aula invertida. (MORAN, 2013, p. 29)

Outro aspecto a ser considerado como um grande desafio dentro da Sala de Aula invertida é a falta de consenso entre muitos educadores sobre o aspecto do uso tecnológico ou não, muito embora a Sala de Aula invertida, na prática seja uma das Metodologias Ativas de mais fácil aplicabilidade para a realidade das escolas públicas do Brasil, por não demandar muitos recursos, sabe-se que a tecnologia é um recurso escasso, sobretudo no Ensino Fundamental, desta forma surge o maior desafio por parte do educador, repensar uma forma de produzir a Sala de Aula Invertida ainda que o educando não tenha em casa aparatos tecnológicos e nem formas de acessá-los.

Esse desafio acaba por aumentar a carga de trabalho do professor que precisa buscar meios de possibilitar a inserção deste aluno nessa metodologia em casa com os meios que lhes são possíveis, tarefa difícil, mas nunca impossível, a partir daí fica notório o quão importante é o trabalho do professor nesta metodologia.

### **Características do docente**

O perfil do professor do século XXI é bem diferente do professor formado no século passado, a educação necessita de um professor cujo perfil esteja ligado há uma perspectiva transformadora, que seja capaz de aliar as mudanças didáticas dos currículos, aos problemas atuais e a formação de competências que corroborem para além do conhecimento específico, mas que suscitem a interdisciplinaridade, a inovação, a interação e a colaboração.

Diante disso, essa nova competência para o professor atual requer o que Pedro Demo (2004) já estabelecia, a ressignificação do conhecimento, a produção de novos saberes a partir de uma educa-

ção transformadora que rompa com a pedagogia tradicional.

Quando Jacques Delors (2003) fundamenta os quatro pilares do conhecimento, muito de sua teoria acabou ficando apenas no papel, é possível pensar nisso quando muitos docentes implementam apenas teoricamente o aprender a fazer, o aprender a conhecer, o aprender a conviver e o aprender a ser. As Metodologias Ativas possuem um papel preponderante na fundamentação dos quatro pilares, uma vez que o professor precisa compreender que seu papel é de fundamentar e promover o acesso ao conhecimento em situações em que o próprio educando seja levado a conhecer, fazer, ser e conviver.

O professor em grande parte sente-se despreparado para as novas exigências da educação, a universidade precisa também engajar-se de maneira mais profunda a fim de habilitar o professor como um especialista analítico, cujo pensamento científico seja capaz de reconhecer suas deficiências e debilidades e sobre elas trabalhar de forma tal a capacitar e produzir outros alunos que consigam fazer o mesmo.

Desta forma o próprio professor precisa aprender a buscar o conhecimento, observar a realidade, teorizar sobre o mesmo, buscar hipóteses, soluções, testar, observar, retroalimentar a prática, avaliar novamente e mudar a rota caso seja necessário.

Perrenoud (2000) já concebia a formação do professor mais técnica e capaz de mudar a forma como trabalha diante das necessidades do milênio, dessa forma o professor precisa ser capaz de organizar a prática de como ensina, gerir a progressão de aprendizagens, entender a heterogeneidade da turma, suscitar o desejo por aprender, trabalhar em equipe, negociar com a gestão escolar, engajar a comunidade escolar, usar tecnologias, gerir a própria formação continuada e acima de tudo saber lidar com os dilemas éticos da profissão. Tarefa nem um pouco fácil.

## **Experiência prática com a Sala Invertida**

O período pandêmico com certeza foi um período bastante desafiador, principalmente diante do fato de que diversas práticas das Metodologias Ativas se mostraram mais eficazes para direcionar o trabalho do professor, mesmo com aluno a distância.

A presente prática foi realizada em uma escola no interior do estado de Goiás, Colégio Estadual José Alves Toledo, que após o período de pandemia necessitava recompor alguns conteúdos que de alguma forma não foram alcançados ou fielmente trabalhados. A Sala de Aula Invertida demonstrou ser uma prática mais acessível e ideal, por não demandar o uso de tantos recursos, por ser uma prática que muitos professores já promoveram de certa forma, sem constância, mas que se aproxima mais de sua realidade da prática de sala de aula. O objetivo inicial foi ensinar o aluno a ter independência física e cognitiva da escola, tendo em vista ter sido essa a maior falha durante a pandemia, assim dois objetivos seriam alcançados, ensinar os alunos a estudarem em casa e preparar-se para qualquer evento semelhante ao da Pandemia no futuro.

Inicialmente o professor escolhia o conteúdo que fosse mais adequado para o trabalho com a Sala de Aula Invertida. A aula era dividida em dois momentos, o remoto com espaços para aulas assíncronas e síncronas feito em casa e outro momento em sala de aula de forma presencial, a fim de discutir as conclusões que cada aluno chegou frente ao conteúdo estudado. No momento das aulas assíncronas o educando tinha um material físico previamente preparado para a leitura que continha pequenos desafios que ele deveria realizar, esse trabalho era realizado em todas as disciplinas e o professor de cada área tinha liberdade de escolher quais conteúdos enquadravam-se melhor na metodologia.

Além do material físico o aluno tinha acesso a plataforma criada pelo Governo do Estado Net Escola em que ele precisava responder atividades diagnósticas, escutar podcasts e realizar pequenas pesquisas com temas pré-estabelecidos pelo professor. Tudo o que o aluno encontrava ou fazia era registrado em um portfólio pessoal que posteriormente era compartilhado em sala de aula, por meio da apresentação das descobertas feitas pelo educando. Por exemplo, com os alunos do Ensino Médio eles precisavam pesquisar as mulheres de Alencar e ouvir nos podcasts fragmentos de obras de José de Alencar que versavam sobre essas mulheres, os alunos poderiam aprofundar-se nas obras ou simplesmente buscar informações nas mais diferentes formas sobre essas mulheres. Sua função era caracterizar a sociedade da época, costumes, pares românticos, conflitos e desfechos.

A outra etapa era relacionada a aula presencial, nesta os alunos de posse do portfólio pessoal eram conduzidos pelo professor a trabalharem em pequenos grupos de forma a confrontar as múltiplas descobertas feitas, enriquecendo o portfólio e agregando mais conhecimento. A aula sempre era encerrada com a produção de algum trabalho físico, um painel, um jornal informativo, a resolução de uma atividade, a produção de um vídeo coletivo, qualquer coisa que possibilitasse a visualização do trabalho teórico que foi realizado ao longo de uma semana por exemplo.

A experiência foi transformadora, além de bastante difícil. Transformadora porque mudou muito a forma como os alunos veem a escola, fora o fato de que muitos alunos viram a tecnologia especialmente a internet com outros olhos, perceberam que há uma vastidão de conhecimentos que podem ser mobilizados e encontrados fora do mundo das redes sociais e dos jogos eletrônicos, muitos outros alunos sentiram o prazer em produzir seu próprio conheci-



mento. Difícil, pois para o professor da área de Linguagens, mais especificamente Língua Portuguesa e Literatura, conseguir mobilizar as aulas remotas e presenciais, a criação do dinamismo e da motivação necessária para encorajar os alunos a desejarem ler fora do espaço escolar sem dúvida foi desafiadora e com certeza o desdobramento em pesquisar e lidar com tecnologia foi uma grande dificuldade.

Atualmente a escola realiza o trabalho como parte integrante das boas práticas desenvolvidas ao longo de cada bimestre, o trabalho só não é mais aprofundado porque há uma forte resistência por parte da comunidade escolar que ainda vê essa forma de trabalho como uma fuga do professor em oferecer o conteúdo pronto e acabado para o educando. Quando se coloca o aluno para pensar, estudar e falar ainda existe a ideia de que o professor está passando sua tarefa ao aluno, a falta de sabedoria em perceber que na verdade o professor está dando autonomia ao aluno lhe oportunizando verbalizar e demonstrar que de fato aprendeu ainda é uma barreira que necessita ser quebrada, porém é perceptível a mudança de mentalidade da comunidade escolar, tanto pelo fato de que os alunos tornaram-se mais engajados não só na área de Linguagens, mas em todas as áreas, com resultados quantitativos com melhorias no desempenho acadêmico tanto em notas internas quanto em avaliações externas, tudo isso como uma comprovação do sucesso do trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os modelos repetidos de prática pedagógica voltada para reprodução de metodologias arcaicas e tradicionalistas não dão conta mais da tipologia de educandos que a sociedade em rede oferece. Os nativos digitais que a escola recebe todos os dias exigem do sistema uma educação

relacionada ao mundo tecnológico e de crescente informação.

A educação transformadora requer dos educadores uma mobilização do trabalho em sala de aula que leve o educando a experimentar práticas ativas de ensino-aprendizagem que reflitam a sociedade na qual estão inseridos e que se relacione com suas reais necessidades de participação ativa e transformadora do mundo.

Cabe a escola preparar professores para desenvolver um trabalho mais eficaz que alcance o maior número de alunos e estes alcançados manifestem o real interesse pelo ambiente educacional de forma a dirimir a evasão escolar, a indisciplina, o desinteresse pelo espaço educacional e sobretudo permitir a melhoria do desempenho escolar como um todo.

O trabalho em questão buscou explorar a temática das Metodologias Ativas, mais especificamente a Sala de Aula Invertida, objetivando um trabalho mais efetivo, prático e dinâmico em duas turmas do Ensino Médio, 1ª séries A e B, que necessitam de maior engajamento nas atividades de sala de aula.

A questão problematizadora abordada foi como implementar a metodologia ativa da Sala de aula Invertida em turmas de Ensino Médio e assim dirimir os desafios docente na mudança de sua prática educativa. O objetivo geral estabelecido foi analisar as diferentes metodologias selecionando a que melhor se adapte à realidade da escola pública atual, sem recursos tecnológicos, e que atendessem as necessidades da turma em questão.

A metodologia de pesquisa bibliográfica foi realizada por meio de leitura de artigos e livros na base de dados Google Acadêmico que permitiram um contato profundo, complexo e enriquecedor sem, contudo, se esgotarem as muitas questões que envolvem uma temática tão complexa,

além do fato de que há muito mais conteúdo de excelente qualidade para pesquisa e estudo. O trabalho teve como principal ideia a comprovação de que a utilização de Metodologias Ativas em sala de aula promove motivação e aprendizagem. A Sala de Aula Invertida demonstrou ser uma metodologia fácil de ser trabalhada diante da falta de infraestrutura e recursos da escola, estimulando a reflexão dos alunos e promovendo o engajamento e o protagonismo juvenil.

## REFERÊNCIAS

BALABAN, R., GILLESKIE, D., TRAN, U. A quantitative evaluation of the flipped classroom in a large lecture principles of economics course. **The Journal of Economic Education**, v. 47, n. 4, p. 269-287, 2016.

BAGNO, M. **Pesquisa na escola**. Edições Loyola, 23<sup>a</sup> ed. 2009.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.

BERGMANN, J.; SAMS, A. **Sala de Aula Invertida: Uma metodologia ativa na aprendizagem**. (A.C. Serra, trad.) Rio de Janeiro: LTC. 2012.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ed. São Paulo: Cortez “Os 4 pilares da Educação” de Jacques Delors. Brasília, DF: MEC/UNESCO. 2003.

DEMO, P. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2004.

DEWEY, J. **A Filosofia em Reconstrução**. Tradução Eugênio Marcondes Rocha. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

DEWEY, J. **Experiência e Educação**. 3. ed. Tradução Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

GADOTTI, M. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo, SP: Editora Ática. 2005

LOURENÇO FILHO M. B. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. São Paulo: Cia. Melhoramentos (Bibliotheca da Educação, v. XI), 1930.

MOTA, A. R.; ROSA, C. T. W. Ensaio sobre metodologias ativas: reflexões e propostas. **Revista Espaço Pedagógico**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 261-276, 2018. DOI: 10.5335/rep.v25i2.8161. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/8161>. Acesso em: 21 out. 2023.

MORAN, J. Educação híbrida: Um conceito-chave para a educação. EM T. N. Bacich (Org.), **Ensino híbrido: Personalização e tecnologia na educação** (pp. 28-45). Porto Alegre: Penso. 2013.

PERRENOUD, P. **As dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed. 2000.

PRAGMAN, C. Using student feedback to revise flipped operations management class. **Bus. Educ. Innov. J.** v. 6, n. 2, p. 11-19, 2014.

SCHENEIDER, E. I., SUHR, I. R. F., ROLON, V. E. K., ALMEIDA, C. M. Sala de Aula Invertida em EAD: uma proposta de Blended Learning. **Revista Intersaberes**, v. 8, n. 16, p. 68-81, 2013.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 27. ed. Campinas: Autores Associados, 1993.

SAVIANI, D. **Interlocuções pedagógicas**: conversa com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre educação. São Paulo: Autores Associados. 2010.

WOODS, D. **Problem-Based Learning**: how to get the most out of PBL. Hamilton: W. L. Griffen Printing Limited. 1994.